



Itinerância Sesc  
2019

	E			
8 <sup>a</sup>	C			
	O	D		
		E		
M	F		C	
O	A		I	
S	L		N	
T	A		E	
			M	
R	A		A	
A	T			
				E



**8.  
M O S  
T R A  
E C O  
F A L  
A N T E  
D E C I N E M A**

Itinerância Sesc  
**SET 2019**

## Estéticas para repensar as cidades

Lugar privilegiado de criação de sentidos, o cinema repercute experiências subjetivas que mobilizam uma profusão de sentimentos, interesses e críticas. Ao alinhar elementos que transitam entre ficção e realidade, coloca o espectador em contato com diversas camadas de compreensão possíveis sobre os temas que se apresentam.

Tais investidas desencadeiam processos de aprendizagem que interferem na capacidade de ver o mundo. Esse tem sido o intento da Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental, ao promover a reflexão em torno de problemas relativos à realidade concreta em diferentes contextos.

Em sua oitava edição, a mostra se dedica ao tema *Cidades, Economia, Povos & Lugares*, chamando a atenção para territórios que, a despeito dos diferentes contextos – do ocidente ao oriente –, invariavelmente, denunciam cidades sufocadas por processos desenfreados de urbanização; economias que fazem ampliar a desigualdade social; e intensos fluxos migratórios, com povos vivendo em campos de desterro ou distantes de seus lugares originários.

De forma simultânea, as produções tanto fazem a denúncia, como identificam alternativas menos danosas ao valorizar o papel das comunidades, as potencialidades locais, e os arranjos econômicos que viabilizam o desenvolvimento, numa relação de interdependência entre sociedade e natureza.

Em parceria com a Ecofalante, o evento percorre unidades do Sesc e instituições culturais, escolas e universidades em oito cidades do interior de São Paulo, realizando exposições gratuitas alinhadas a ações formativas.

Apoiado na perspectiva da educação permanente, o Sesc reitera o seu compromisso em ampliar olhares sobre a questão socioambiental, ao dialogar com a produção cinematográfica com o sentido de unir educação e cultura como formas de aprimorar a capacidade dos indivíduos de perceber, interpretar e refletir acerca de sua condição.



**A Itinerância da 8ª Mostra Ecofalante** traz uma programação gratuita de filmes e debates para diversas cidades da Grande São Paulo e interior do estado. São obras de todos os cantos do mundo que suscitam dilemas contemporâneos a serem enfrentados por todos nós com urgência e reflexão.

O festival *homenageia* Silvio Tendler, realizador dos documentários que alcançaram o maior recorde de bilheterias do Brasil. O *Panorama Internacional Contemporâneo* traz obras cuja excelência cinematográfica está comprovada por sua seleção em vitrines prestigiosas como os festivais de Cannes, Sundance, Roterdã, Locarno, Berlim, Leipzig, IDFA – Amsterdã, entre outros. Os temas selecionados para a Itinerância são *Cidades, Economia e Povos & Lugares*.

Uma novidade desta edição é o programa *Mostra Brasil Manifesto*, um conjunto de filmes que constroem um retrato denso e agudo do Brasil, voltando seu olhar para questões primordiais que abarcam nossas identidades e nossa história. Na *Competição Latino-Americana* chama a atenção a pluralidade de olhares e estilos em filmes com profundas marcas autorais que assumem posições fortes e estimulantes sobre questões centrais de nossa sociedade.

A *Sessão Infantil* traz curtas-metragens que apresentam, de maneira lúdica, questões socioambientais contemporâneas, como a geração de energia ou a vida urbana regada pelo relógio. O evento traz ainda uma formação de professores que estimula e visa potencializar o uso de diferentes recursos audiovisuais como ferramentas educativas.

A Mostra Ecofalante mobiliza conteúdos e reflexões sobre temas prementes em nossa sociedade e sua Itinerância democratiza cada vez mais o seu alcance.

**ECOFALANTE**

## Homenagem

SILVIO TENDLER

Cinema Político e de Resistência

LUIZ CARLOS MERTEN

9

## Panorama Internacional Contemporâneo

20

idades

O Choque da Ideologia do Progresso

32

JOÃO SETTE WHITAKER FERREIRA

economia

Crônicas de um Naufrágio Anunciado

44

HENRI ACSELRAD

povos & lugares

Histórias de Resistência e Adaptação

DANIELA CHIARETTI

19

## Mostra Brasil Manifesto

53

## Competição Latino-Americana

57

## Sessão Infantil

67

## Atividades Integradas

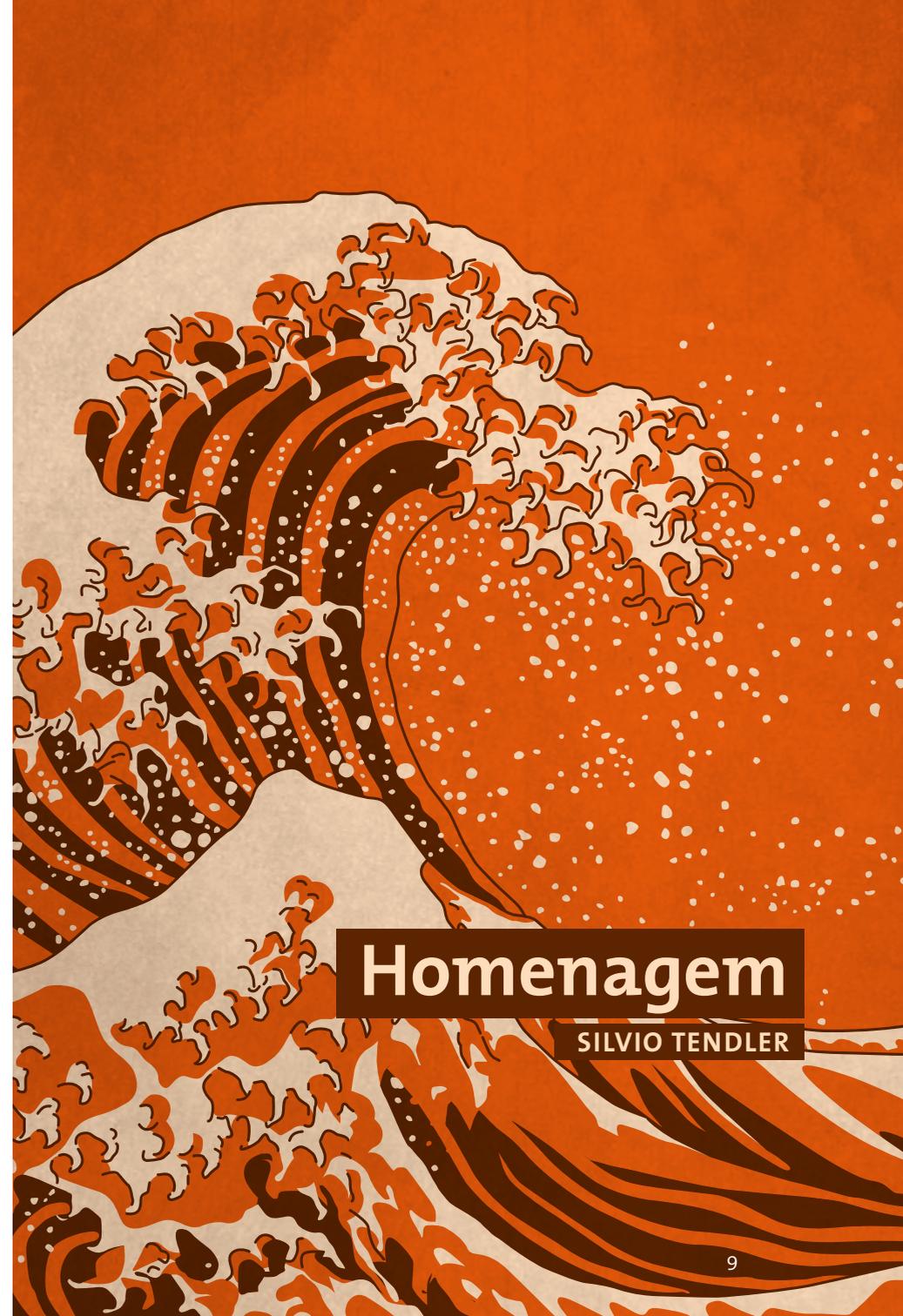
71

## Programação

73

## índice por filmes

- |           |                                      |           |                      |
|-----------|--------------------------------------|-----------|----------------------|
| <b>55</b> | Amazônia, o Despertar da Florestania | <b>56</b> | Idade da Água        |
| <b>52</b> | Bem-Vindo a Sodoma                   | <b>31</b> | Memórias do Oriente  |
| <b>69</b> | Caminho dos Gigantes                 | <b>18</b> | O Fio Da Meada       |
| <b>60</b> | Cartucho                             | <b>64</b> | O Quadrado Perfeito  |
| <b>69</b> | Dara – A Primeira Vez que Fui ao Céu | <b>70</b> | O Sonho da Galinha   |
| <b>69</b> | Dois Trens                           | <b>65</b> | Parque Oeste         |
| <b>61</b> | Empate                               | <b>70</b> | Strollica            |
| <b>62</b> | Filhos de Macunaíma                  | <b>43</b> | Superalimentos       |
| <b>63</b> | GIG - A Uberização do Trabalho       | <b>66</b> | Um Filósofo na Arena |



# Homenagem

SILVIO TENDLER



# Silvio Tendler

## Cinema Político e de Resistência

LUIZ CARLOS MERTEN

São poucos os documentaristas que, em todo o mundo, podem gabar-se de haver arrastado aos cinemas milhões de espectadores para ver seus filmes. Silvio Tendler fornece um desses raros exemplos.

*Os Anos JK*, em 1980, faturou 800 mil espectadores; *O Mundo Mágico dos Trapalhões*, em 1981, 1,8 milhão; *Jango*, em 1984, 1 milhão, e *O Veneno Está na Mesa 2*, de 2014, já exibido online, foi assistido por mais de 5 milhões de pessoas. Quando o Brasil emergia dos anos de chumbo da ditadura militar, que tanta gente hoje quer negar que houve, e vivia um processo de abertura democrática, *Jango* virou o filme das *diretas já*. Eu me lembro de como, nos cinemas, em Porto Alegre, a gente aplaudia



O Veneno Está na Mesa 2

durante as sessões, cantava e até chorava com Milton Nascimento. “Coração de Estudante” virou um hino, como o Hino Nacional que Fafá de Belém cantava nos comícios que mobilizavam multidões.

Silvio Tendler! O que seria seu primeiro filme, sobre a Revolta da Chibata, depois que ele conheceu o lendário Almirante Negro, João Cândido, simplesmente desapareceu do mapa, porque o responsável pela guarda dos originais queimou o filme para evitar complicações com os milicos. Tendler viajou para o Chile, na euforia do governo da Unidade Popular de Salvador Allende, foi para a França, onde se ligou a Chris Marker e Jean Rouch, papas do *cinéma vérité*. Formou-se em História pela Universidade de Paris e fez seu mestrado na École de Hautes Études, com uma tese sobre Joris Ivens. Tendler já sinalizava que o cinema que queria fazer seria político.

**Os Anos JK** recriam a trajetória política de Juscelino Kubistchek, começando com a promulgação da Constituição de 1946. Surge esse jovem prefeito de Belo Horizonte, que contrata dois comunistas para erguer a igreja da Pampulha, que será sua plataforma para o governo de Minas. Arauto de uma ideologia desenvolvimentista que promete fazer o País avançar cinquenta

anos em cinco, JK elege-se presidente do Brasil com a promessa de transferir a capital para o Planalto Central, criando Brasília. A indústria automobilística desenvolve-se, o som (internacional) do Brasil vira a Bossa Nova e Tendler põe na tela o que era o estilo, a maneira de ser e governar de JK. O novo populismo, pós-Getúlio. Mais ou menos na mesma época, Ana Carolina documentou, ou melhor, interpretou psicanaliticamente o mito de Getúlio (*Getúlio Vargas*, 1974) como o Pai, em *Trabalhadores do Brasil*: “Todo o povo brasileiro chorou / Morreu o presidente...”. JK, eterno otimista, tinha o espírito conciliador. Minimizava tensões sociais e conflitos partidários, fazia concessões.

Voltar a Juscelino, naquele momento, enfatizava o espírito de redemocratização. Com João Goulart, o processo democrático fora interrompido. Como, quando e por que se depõe um presidente? Tendler pega carona no documentarista cubano Santiago Alvarez, em seu filme sobre a execução do general Pratt, no Chile: *Como, Por Que y Para Qué se Asesina a Un General?* Como ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, Jango assegurou direitos aos trabalhadores. Como presidente, defendendo a bandeira do desenvolvimento nacionalista, encaminhou as reformas de base que o Brasil necessitava, inclusive a agrária. Foi etiquetado como comunista – o fenômeno da Revolução Cubana era recente e alarmava as elites brasileiras –, e deposto. Herói injustiçado ou agente comunista inexperiente? O filme posiciona-se contra o golpe, adota a bandeira da legalidade, deixa implícito que é preciso retomar o processo democrático. Diretas já!

Quando Silvio Tendler fez esses filmes, os tempos eram outros. Em 1968, Stanley Kubrick já mostrara o super computador Hal-9000 assumindo o controle da nave de *2001 – Uma Odisséia no Espaço*. Dois anos depois, Joseph Sargent já propusera *Colossus 1980*, em que, em plena Guerra Fria, os militares dos EUA entregam o controle do sistema de defesa do país a outro computador, que enlouquece. Não havia redes sociais, havia a desconfiança da

máquina. Seria impensável imaginar presidentes como Donald Trump ou Jair Bolsonaro, governando pelo Twitter. O mundo mudou muito e, nesse processo, o cinema de pesquisa e investigação histórica de Tendler virou referência, inclusive universitária. Seus filmes viraram temas de estudo em universidades, e o próprio Tendler tornou-se professor de cinema. Hoje, quem pesquisa na internet descobre que lhe colaram a etiqueta de cineasta dos vencidos, ou dos “*Sonhos Interrompidos*”, por seus filmes sobre JK, Jango, Carlos Marighella ou Glauber Rocha.

Muito antes que Wagner Moura fizesse sua ficção sobre Mari-ghella, Tendler já traçara o retrato falado do guerrilheiro, em 2001. Dois anos depois veio *Glauber – O Filme, Labirinto do Brasil*, e o título já deixa claro que, por meio do artista que estudou (e sou-nhou transformar) o País, o que ele está querendo é entender, ou pelo menos fazer uma proposta de discussão da nossa brasilidade. Seu recorte é sempre de esquerda, na contracorrente desse direi-tismo tacanho que se instalou no Brasil e transformou a caça aos comunistas inexistentes e o desmantelamento do que chama de marxismo cultural em pedras de toque do (des)governo vigente. Os títulos já revelam a intenção: *Encontro com Milton Santos ou O Mundo Global Visto do Lado de Cá*; *Memória do Movimento Estudantil*; *Tancredo – A Travessia*; *Militares da Democracia – Os Militares Que Disseram Não*; *Os Advogados contra a Ditadura – Por Uma Questão de Justiça*; *Sonhos Interrompidos*, etc.

No total, são mais de 70 filmes de longa, média e curta-me-tragem, em formato documental, além de 12 séries. Uma obra extensa e respeitável que tem valido a Silvio Tendler prêmios e homenagens pelo Brasil e pelo mundo afora. Ele recebe agora a *Homenagem* da Ecofalante, e, por se tratar de um evento ligado a questões ambientais, um outro aspecto da obra de Tendler ganha destaque. O que ele percebeu é que não basta discutir e tentar entender os grandes movimentos políticos, os golpes. Política e economia andam indissociáveis, e nunca pelo favorecimento das



Utopia e Barbárie

massas. O mundo é dominado pela desigualdade social e, em pa-íses como o Brasil, com escandalosa impunidade, o agronegócio tem prosperado às custas do desmatamento, do avanço sobre territórios indígenas e quilombolas e de quantidades colossais de venenos químicos, usados como fertilizantes agrícolas, a um tal ponto que uma parlamentar que tem sido porta-voz do setor tor-nou-se conhecida no Congresso brasileiro como ‘musa do veneno’. E surgiram *Agricultura Tamanho Família*, *O Veneno Está na Mesa 1 e 2*, *Dedo na Ferida*, que venceu a *Competição Latino Americana* da Mostra Ecofalante de 2017, e *O Fio da Meada*, último docu-mentário do diretor, que estreia na 8ª edição do festival.

Completam-se em 2019 dez anos de *Utopia e Barbárie*. Não importa se Tendler fez filmes melhores, ou de maior sucesso de público e crítica. Esse é especial, de alguma forma, para o autor do texto: é a obra síntese do cineasta, o seu legado. Produto de uma pesquisa extensa que consumiu 20 anos, o filme vai ao pós-guer-ra (1945) para mapear e estudar as grandes mudanças que, no século 20, terminaram por moldar o mundo no século XXI. Como narrador, e comentando os acontecimentos, Tendler revisita as lu-

tas pela independência das colônias africanas (e não apenas) e os golpes militares na América Latina. O Chile, tão importante para ele, rende alguns dos melhores momentos no filme. Chile esse que hoje virou avatar dos planejadores econômicos que querem voltar à Escola de Chicago para resolver os problemas do Brasil. O mesmo Chile que tem hoje mais gente catando lixo nas ruas de Santiago do que jamais teve em sua história – eu sei, eu constatei isso em janeiro de 2019. Mas o que isso importa para os que só querem governar e legislar em nome dos poderosos? Por mais imoral que seja, a desigualdade é um alimento para a autofagia dos que professam a lei do mercado.

O Chile também é um emblema para Tandler. A utopia de Allende, a barbárie do golpe do General Augusto Pinochet. A Guerra do Vietnã. Quando lançou seu filme, Tandler advertia que se tratava de um filme não acabado, ou melhor, inacabável. Intuíva ele que a barbárie, que talvez nunca tivesse ido, voltaria com mais força – no Brasil, nos EUA, no mundo? Tandler percorre 15 países, entrevista intelectuais, filósofos, artistas, jornalistas, historiadores, economistas. A grande e a pequena história são revistas de diferentes ângulos e perspectivas. O próprio Tandler participa, como personagem. Letícia Spiller, Chico Díaz e Amir Haddad expressam seu pensamento. São impactantes – uma sobrevivente de Hiroshima narra cenas que, para ela, representam o inferno; Eduardo Galeano, o grande escritor de *As Veias Abertas da América Latina*, diz que sonhar é o papai e mamãe de todos os direitos, pois todos os demais derivam dele; e Pinochet, o monstro. Ao ser indagado sobre fossas comuns para seus opositores, retruca com cinismo: “que baita economia, hein?”.

O desprezo. Pior que isso, o ódio pelo outro. Narciso acha feio o que não é bonito – ele. Tandler, em *Utopia e Barbárie*, evoca movimentos populares, o povo na rua lutando por seus direitos. Não a massa insuflada pelo ódio que, a partir das redes sociais, sequestrou o poder no Brasil, nos últimos anos. Seu cinema é um



Agricultura Tamanho Família

testemunho de luta, de resistência. Glauber também bradava, em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*: “Mais fortes são os poderes do povo!” Tandler nunca deixou de acreditar, de sonhar. Contra o agronegócio, defende a agricultura familiar (***Agricultura Tamanho Família***). “***O Veneno Está na Mesa***”, mas, na cadeia de produção, o agrotóxico atinge desde o trabalhador que aplica o produto até o consumidor que come o alimento. Tudo se encaixa com coerência na obra de Silvio Tandler, que é, toda ela, uma crítica às forças do reacionarismo, econômico e político. Resistir é preciso. A doença que pregou o diretor numa cadeira de rodas não paralisou sua capacidade de pensar, refletir, lutar. Tornou-o mais resiliente. *A Homenagem* da Ecofalante é, mais que justa, necessária.

LUIZ CARLOS MERTEN é jornalista e crítico de cinema. Teve passagens pelos jornais Folha da Manhã e Diário do Sul. Atualmente, publica suas críticas no jornal O Estado de S. Paulo. É autor do livro *Anselmo Duarte: O Homem da Palma de Ouro*, publicado pela Imprensa Oficial, entre outros.



## O Fio da Meada

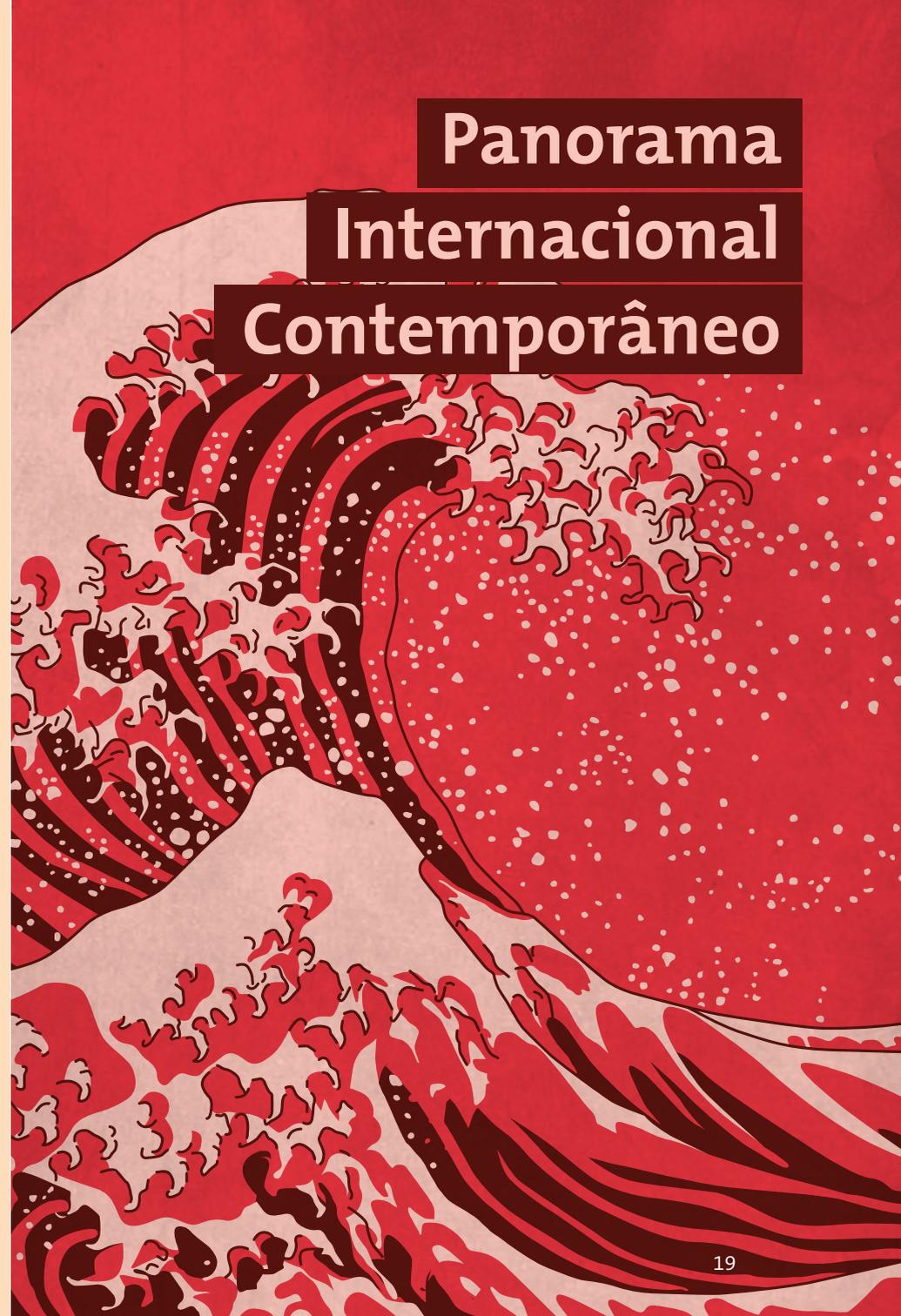
*O Fio da Meada*

BRASIL, 2019, 77'

O filme mostra a luta de povos tradicionais brasileiros contra a urbanização opressora. Neste documentário, Silvio Tendler instiga a denúncia a violência nos campos e nas comunidades tradicionais, cada vez mais ameaçados pela ação do homem em nome do progresso. Caiçaras, quilombolas e indígenas lutam para sobreviver e para tentar impedir que suas reservas naturais sejam destruídas pelo processo de urbanização.

DIREÇÃO  
**Silvio Tendler**  
PRODUÇÃO  
**Ana Rosa Tendler**  
ROTEIRO  
**Silvio Tendler, Marcelo Firpo & Marina Fasanello**  
FOTOGRAFIA  
**Xeno Veloso**  
EDIÇÃO  
**Silvio Arnaut**

CONTATO  
[executivo@caliban.com.br](mailto:executivo@caliban.com.br)



# Panorama Internacional Contemporâneo



**idades**

# O Choque da Ideologia do Progresso

JOÃO SETTE WHITAKER FERREIRA

Em seu magistral livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*<sup>1</sup>, Edward Said mostrou como, no âmbito do colonialismo europeu e, posteriormente, do imperialismo norte-americano e ocidental em geral, o conceito de “Oriente”, tal qual o conhecemos, foi uma longa e cuidadosa invenção do próprio Ocidente.

Diz o autor: “O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia (...) o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas”, que “ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastantes”. Porém, isso não parece estar assimilado nas relações de poder, passadas e presentes, entre Ocidente e Oriente, marcadas por dominação e violência. Para Said, o “Orientalismo”

criado pelo Ocidente sem a participação dos interessados ajudou a estabelecer, na consciência ocidental, uma representação cultural e ideológica do Oriente extremamente útil para, na história moderna, justificar e consolidar tal dominação<sup>2</sup>.

É certo que nós, na América Latina, aqui mais a oeste (ou ao sul, em relação aos EUA), tivemos e ainda temos também nossa dose de dominação. Sem que tenha havido, talvez, um “sul-americanismo” tão claramente definido, uma constelação de autores, como Eduardo Galeano, Anibal Quijano ou Florestan Fernandes, para citar apenas três dentre tantos, brilharam ao apontar os efeitos quase indelévels do colonialismo cultural eurocêntrico e norte-americano. Justamente por isso, talvez, tenhamos a tendência de olhar e imaginar o Oriente nos moldes do que nos trouxe o “Orientalismo”. Na era do consumo globalizado, liderado pela China como última fronteira da produção industrial “com baixos salários”<sup>3</sup>, o Oriente parece cada vez mais próximo, mas ainda se perfila na nossa consciência coletiva – bem ao sabor do “Orientalismo” de Said – como um mundo desconhecido e cheio de mistérios.

Pelo menos no que diz respeito à temática *Cidades*, a Mostra Ecofalante tem sido profícua para romper esse isolamento. Ao trazer reiteradamente filmes de cineastas “orientais”, ou que têm como objeto o urbano no Oriente, a Mostra nos ajuda a decifrar os seus mistérios. E, na verdade, chegamos à conclusão de que, apesar de todas as diferenças, as dinâmicas de produção do espaço são muito semelhantes mundo afora, todas com o mesmo traço dominante: o da exclusão, da segregação espacial e da violência do capital na transformação das cidades em lucrativas mercadorias. No ano passado, tivemos retratos de Camboja, Coreia, Líbano, Indonésia, China. Neste ano, passeamos pela Turquia, Índia, pela distante Mongólia, Japão, Coreia e China, para terminar aqui mais perto, no norte dos Estados Unidos. Curiosamente, todos os filmes, ou quase, fazem um diálogo mais ou menos direto entre o passado e o presente.



Retrato Chinês

**Retrato Chinês**, de Xiaoshuai Wang, um documentário silencioso, é uma janela aberta para a China, que nos leva da nossa sala diretamente à alma tão diversa e complexa daquele gigante asiático. Passado e presente convergem, neste caso, para compor retratos em cenas nunca menores do que um minuto, que mesclam cenários os mais diversos, de altos-fornos em efervescência a bucólicas plantações de arroz, de informatizadas torres de controle de siderúrgicas a crianças de alguma escola em um frio e seco rincão da China rural. Funcionários de empresas em poses coletivas, passageiros sendo levados em algum trem a algum lugar, camponeses colhendo batatas em paisagens de uma natureza incrível, cavalos, ovelhas, stands de vendas de torres iluminadas, cenas domésticas de veraneio na praia, transeuntes fazendo rezas taoistas na rua de algum vilarejo nas montanhas e obras, obras e mais obras. São inúmeras fotografias não estáticas, que revelam sempre algum detalhe a mais, sem que nunca se saiba onde é, exceto que é na China, e que ela não para. Assim, é a imensidão, a diversidade e o crescimento intenso daquele país que se revelam justamente nessa indefinição de cenas e lugares



Sonhos da Velha Delhi

justapostos. Instiga a pose imóvel dos personagens em muitas cenas, transmitindo desde um orgulho seguro à inquietação, da resignação à disciplina do ato de posar. Um retrato de um país que emerge na liderança econômica e industrial mundial apesar, ou melhor, graças à exploração de sua gigantesca reserva de recursos humanos e naturais. Mais do que nunca, o “moderno que se alimenta do atraso”, como nos mostrou Chico de Oliveira, para desvendar a nossa própria formação nacional, mostra-se na China em sua lógica implacável.

Uma narrativa também do Oriente, e também incomum, é a marca de *Sonhos da Velha Delhi*, de Anamika Haksar, filme que retrata, em uma espécie de surrealismo fantasioso, que se dá no limiar entre sonhos e realidade, as inquietações individuais dos moradores de Shahjahanabad, ou *Old Delhi*, bairro pobre e movimentado no coração de Nova Deli, a gigante de mais de vinte milhões de habitantes. Mais uma vez, modernidade e atraso se mesclam no retrato da vida e dos sonhos de um batedor de carteira, também trompetista, de vendedores ambulantes, carregadores e trabalhadores de toda ordem. O “Orientalismo” aparece aqui na

figura do “exotismo” da pobreza mesclada às tradições culturais, vendido como atração pelo batedor de carteira reconvertido em guia turístico para visitantes não só ocidentais, mas também da própria Índia e Nova Déli. Mais uma vez se mostra como o passado e o presente, tanto pelo lado da tensão entre atraso e modernidade como também entre tradição e cultura globalizada se cotejam, no capitalismo moderno, em qualquer lugar do mundo, através da história do irmão espancado na prisão, da criança que caiu no poço, mas também das riquezas da vida simples nos grotões urbanos, dependente da economia da informalidade e da subsistência que, aliás, irá também aparecer em outro filme, sobre Istambul, na Turquia. Tudo isso, entremeadado de sonhos que mais revelam inquietações, de choques culturais como o convívio natural com a morte nas ruas, mas também de um certo humor ácido, forma os ingredientes deste surpreendente retrato urbano da Índia atual.

Apesar do estilo diametralmente oposto, há muita similaridade entre esse filme e *Ecos de Istambul*, de Giulia Frati. Este, um documentário mais clássico, mas que retrata de forma quase poética o papel cultural dos vendedores ambulantes de Istambul como mantenedores de velhas tradições e verdadeiros costureiros do tecido social urbano. Vítimas primeiras das ações de remoção violenta por parte do mercado imobiliário associado às “políticas públicas” de renovação urbana, alvos reiterados das ações violentas da polícia persecutória do comércio informal, portadora de uma “ordem” ditada pela economia formal e pelos poderosos, que enxergam na “limpeza urbana e social” um sinal de modernidade, os vendedores ambulantes – que oferecem desde mexilhões recheados (que dão água na boca) a bagels típicos frescos ou mesmo colchas e almofadas de algodão – são mostrados com enorme ternura. A cidade popular, que lembra o cenário popular de *Old Deli*, é acordada pela sinfonia dos cantos dos vendedores arengando para sua clientela, cujas técnicas guturais tradicionais são passadas de pai para filho. O filme trata, na verdade, da fan-

tástica resiliência desses cidadãos que moram onde trabalham e trabalham onde moram e, por isso, são diretamente afetados pelas dinâmicas cruéis de expulsão no capitalismo urbano, sempre associadas ao “legítimo” poder do Estado. Ao ter que sair de suas casas pela pressão do mercado imobiliário e da força policial, são também privados de seu trabalho e de sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que tradições são extintas. A cidade do folclore, da história, dos mercados, dos hábitos locais é sumariamente substituída pela urbe moderna e estéril, globalizada e “moderna”. Tempos passados e presentes mais uma vez se misturam, em um retrato que, para quebrar de vez com o “Orientalismo”, poderia ser filmado, quase que sem diferenças, em São Paulo ou em qualquer outra grande metrópole latino-americana. E essa história cruel, que afeta sem dor as novas gerações, nos é contada pela nova linguagem da juventude global, o rap.

**Memórias do Oriente**, de Niklas Kullström e Martti Kaartinen, por sua vez, é um filme finlandês que trata, ele também, do Oriente. Em uma ideia brilhante, os diretores recuperam o diário de viagem de G.J. Ramstedt, intelectual, linguista, filólogo e diplomata finlandês – ou melhor, Russo, no início da narrativa, e Finlandês após a independência daquele país, em 1917 –, especialista da língua mongol, que serpenteou o Oriente nos efervescentes anos da virada do séc. XIX para o XX. Aqui, passado e presente não estão entrelaçados em cenas do presente, mas sobrepostos de forma a estruturar a narrativa: os lugares narrados por Ramstedt um século atrás são ilustrados por cenas dos mesmos lugares, só que hoje em dia. A distante cidadezinha da Urga daqueles tempos é agora a vibrante e moderna Ulaanbaatar, capital da Mongólia, com quase 1,5 milhão de habitantes.

O contraste se dá entre dois tempos singulares da história: de um lado, os anos em que se construía o mundo moderno pós-Revolução Industrial, na Europa, um tempo de verdades absolutas, do triunfo das máquinas e da modernidade, mas também do fo-



Ecos de Istambul

mento dos males da expansão capitalista e da concorrência entre nações. Tempos em que se construía, justamente, na reorganização da divisão colonial do mundo, a útil ideia do “Orientalismo” de Said. Tempos de inúmeros processos independentistas – como o da Finlândia –, de revoluções marcantes, como a russa, e da Primeira Grande Guerra. Do outro lado, os tempos atuais, quando se inicia um século em que as certezas daquela época transformaram-se em incertezas de um sistema que, na escala do planeta, não parece ter dado conta do recado. O “progresso” chegou ao “distante” Oriente (eufemismos típicos do Orientalismo) com toda sua riqueza, mas também suas vicissitudes: a desigualdade, a segregação, a insegurança, a falta de perspectiva para as novas gerações, que também aqui expressam esses sentimentos, mais uma vez, por meio do rap, uma marca da cultura global. Os tempos de hoje parecem retratar de maneira mais precisa do que se imagina a narrativa centenária de Ramstedt. O “progresso” chegou e os tempos mudaram, mas nem tanto assim.

O único filme dessa série que não se passa no “distante” Oriente é **A Cidade do Futuro**, de Chad Freidrichs. Mas também traba-

Iha no registro “passado-presente” e talvez mostre justamente uma das origens do pensamento “modernizador” que alimenta o “Orientalismo” e seria pautado, ao longo do século XX e até os dias de hoje, pela expansão dominadora ocidental, que tanto aparece nos filmes aqui comentados. Este interessante documentário, com uma linguagem que já se torna frequente na produção norte-americana<sup>4</sup>, retrata, por meio de reconstituições de reuniões e narrativas de época, a epopeia de um típico “sonho empreendedor” do apogeu do crescimento industrial dos Estados Unidos, nas décadas do pós-Guerra. Como era de costume<sup>5</sup>, grandes projetos “modernizadores” eram alavancados a partir de iniciativas individuais mais ou menos idealistas, saídas de mentes visionárias – no caso, o físico e oceanógrafo, mas também empreendedor, Athelstan Spilhaus –, mas, por detrás, contando com o apoio oficial e poderoso da máquina pública governamental, capaz de aportar os imprescindíveis fundos públicos para tais projetos. Em uma dinâmica perversa que se tornou prática comum no capitalismo atual, o poder do lobby empresarial faz com que se “oficializem” como públicos grandes empreendimentos de interesse quase exclusivo do setor privado. Da mesma forma, aliás, que se dão, atualmente, as “renovações” urbanas retratadas em Istambul, no filme acima comentado, e em todas as grandes cidades do mundo.

No caso, o elemento interessante é que o projeto inovador, lançado em 1966, era também uma resposta razoável aos desvios que a urbanização capitalista já começava a apontar: a insustentabilidade do modelo urbano baseado no automóvel, no hiper-consumismo, na produção exacerbada de lixo, na destruição sistemática da natureza em nome da necessidade da urbanização. A “*Cidade do Futuro*” proposta por Spilhaus seria construída no lugar de um pequeno vilarejo bucólico no estado de Minnesota, e trazia todas as inovações possíveis, para a época, para enfrentar, em um laboratório urbano experimental, as mazelas da urbanização desenfreada. Carros automáticos (mesmo se a ideia do

automóvel como modal de transporte ainda fosse provavelmente a única possível de se enxergar naquele momento), sistemas de tratamento de água e esgoto, logística urbana eficaz, etc.

Só que a ironia disso tudo é que a cidade “sustentável” seria derrotada, em um rico processo de contestação política, também característico do universo norte-americano à época, justamente pelos defensores .... do meio ambiente! Por mais que fosse inovador e portador de uma modernidade desejável pelo seu aspecto sustentável, o projeto sucumbia a duas contradições: primeiro, disfarçava, no fundo, um empreendimento com o objetivo final do lucro empresarial, algo, hoje sabemos, totalmente incompatível com o bem comum e o interesse público. Segundo, os custos ambientais da implantação de uma “cidade sustentável” tecnologicamente inovadora eram o da destruição de uma bucólica, simples e preservada região natural no norte dos Estados Unidos. O que seus cidadãos não deixaram acontecer. Ao longo de décadas, o projeto “visionário” de Spilhaus não se “viabilizou”, para usar o jargão empresarial, política, econômica e ambientalmente, sucumbindo aos protestos, ao avanço do tempo e à própria modernidade que ele se propunha a trazer, que se encarregou de tornar obsoletas suas ideias antes futuristas. O curioso é que Spilhaus foi vencido por pessoas que defendiam os mesmos ideais de um futuro sustentável, mas por outro ângulo, não o do “progresso” ditado pelo capital, e sim de uma visão mais preocupada com o futuro do nosso mundo e de todos nós.

No fundo, é um pouco disso que se fala em todos estes filmes. De como a ideologia do progresso, da transformação, da modernidade ditada pelos interesses dominantes da reprodução do capital, assim como ocorre com o “Orientalismo” de Edward Said, são implacáveis ao ditar as lógicas de produção do espaço urbano, onde quer que se esteja, no Ocidente ou no Oriente. Mas também de como essa ideologia hegemônica se confronta duramente com a realidade de um mundo historicamente complexo, cultu-

ralmente diverso e, muitas vezes, resiliente. Embora seja esta uma história de dominação e de violências, essa “modernidade” que nos é imposta, mundo afora, na forma de uma urbanidade estéril e homogênea, a serviço da reprodução do capital, nem sempre é a que vence. Estes filmes nos trazem histórias de homens e mulheres que, no rap, nos sonhos ou nas ações concretas de resistência, nos fazem crer que ainda podemos ter cidades melhores, pensadas para o futuro e não para o lucro.

- 1 SAID, E. *Orientalismo*, São Paulo: Cia de Bolso, 2007.
- 2 A força do “Orientalismo” o faz ser identificável até em teses antagônicas, como a polêmica entre Francis Fukuyama e Samuel Huntington, no início dos anos 1990. O primeiro, no livro *O fim da história e o último homem*, apresentava a vitória final e definitiva, com o fim da Guerra Fria, da cultura ocidental capitalista sobre o mundo, na forma das democracias liberais. Em resposta, o segundo, conhecido pensador norte-americano, também liberal, lançava em *O Choque de civilizações* a ideia de que o mundo inevitavelmente se divide em civilizações que se confrontam, sendo a ocidental, evidentemente, hegemônica, mas que entraria em choque com a cada vez mais forte “coalizão” civilizacional sino-islâmica.
- 3 Para usar a expressão de Roberto Schwarz e outros intérpretes da formação nacional, que conceituaram a ideia da nossa “industrialização com baixos salários”, transferida para as cidades por Erminia Maricato, com o termo “urbanização com baixos salários”.
- 4 Ver, por exemplo, o documentário canadense *The Corporation* (2004), de Mark Achbar e Jennifer Abbott.
- 5 Ver, por exemplo, o papel empreendedor do poderoso Robert Moses, na mesma época, retratado no filme *Cidadã Jane: A Luta pela Cidade* de Matt Tyrnauer, trazido pela Mostra Ecofalante de 2018.

**JOÃO SETTE WHITAKER FERREIRA** é professor livre-docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU) desde 2000. Foi secretário de Habitação do Município de São Paulo em 2016. Foi coordenador do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos (LabHab) de 2009 a 2015. Em 2017, um Doutorado Honoris Causa lhe foi concedido pela Universidade de Lyon. É autor de *O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano e Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano*.

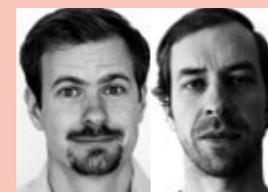


## Memórias do Oriente

*Eastern Memories*

FINLÂNDIA, 2018, 86'

Um inesperado filme de viagem no extremo oriente da Mongólia e no Japão atuais. A história das viagens do linguista e diplomata finlandês G. J. Ramstedt ao velho mundo das crenças e tradições do final do século XIX, um mundo hoje substituído por ideologias e pela economia de mercado. Ele testemunhou os eventos dos últimos cem anos, e agora nos lembra de porque e como estamos aqui hoje. O filme entrelaça com perfeição o passado e o presente em uma jornada visualmente deslumbrante de exploração, aventura, amor e morte, conspirações e a queda das nações.



DIREÇÃO  
**Niklas Kullström e Martti Kaartinen**  
PRODUÇÃO  
**Niklas Kullström**  
ROTEIRO  
**Martti Kaartinen**  
FOTOGRAFIA  
**Niklas Kullström**  
EDIÇÃO  
**Niklas Kullström**

CONTATO  
**michaela@filmotor.com**

## Crônicas de um Naufrágio Anunciado

HENRI ACSELRAD

“As crianças que morrem afogadas no mar Mediterrâneo são filhas dos produtores rurais arruinados pela concorrência dos produtos agrícolas europeus subsidiados”.

O diagnóstico de Bokah, animador de uma cooperativa leiteira do Senegal, não aponta, por certo, a causa única da crise migratória que assola o norte da África desde o início dos anos 2000. Sabemos que ela é movida também pelos conflitos pós-coloniais alimentados pelos interesses das grandes potências nas terras e nas riquezas minerais daquele continente. Mas essa explicação mostra-se muito pertinente, se considerarmos as imagens e os depoimentos do conjunto de documentários da sessão *Economia* da Ecofalante.



A Indústria do Leite

**A Indústria do Leite** mostra como as grandes corporações leiteiras se apropriam dos ganhos de produtividade da pecuária familiar europeia, maximizando seus próprios lucros na comercialização dos excedentes. Recorrendo à estocagem em massa de leite em pó, por exemplo, ao mesmo tempo que estressam o trabalho dos agricultores europeus, estimulam, nos países periféricos, o consumo de laticínios industrializados, eliminando qualquer possibilidade de concorrência por parte da produção camponesa da África, Ásia e América Latina. O fato de a agricultura europeia ser fortemente subsidiada para atingir ganhos de escala e produtividade crescentes não resulta em ganhos para os produtores familiares europeus, mas, sim, em maiores lucros para as grandes corporações. Em nome do “imperativo de combater a fome e assegurar direitos humanos à alimentação no mundo”, executivos das grandes corporações agroquímicas pressionam por desregulações que permitam reduzir seus custos e elevar suas margens de lucro, ao mesmo tempo em que desestruturam os padrões alimentares tradicionais baseados no leite *in natura* nos países importadores. Em uma cena antológica, uma promotora de produtos lácteos

pretende explicar os benefícios das corporações agroalimentares pelo fato “de o leite *in natura* conter ingredientes que podem ser úteis para o crescimento de chifres em bezerros, mas não para os seres humanos, enquanto outros ingredientes nutritivos faltam e são agregados pela indústria”.

Em crítica a essa estratégia discursiva empresarial, **Os Despossuídos** mostra como a dita “ineficiência” da agricultura camponesa não é mais do que o resultado da aplicação – etnocêntrica, diriam alguns – de um cálculo simplório que compara insumo e produto em termos exclusivamente monetários, não considerando a produção social da fertilidade do solo, da biodiversidade, da água limpa e dos demais recursos ambientais de que necessita a produção de alimentos, como sempre ensinaram os saberes tradicionais do mundo rural. “A agrologia foi esquecida”, declara Paul Ecoffay, camponês suíço: “o solo é composto de 50 milhões de bactérias e 50 milhões de fungos”. Ao não se considerar sua complexidade, décadas depois da chegada da agricultura químico-mecanizada trazida dos EUA para a Europa, “vemos os sintomas do estrago”. Segundo Jadeep Hardika, jornalista indiano, “os subsídios dos EUA ao algodão lançam no desespero os produtores da África e Ásia. Dizem que os camponeses são ineficientes, mas são as grandes corporações que recebem terras e isenções fiscais do Estado.” “O fundamentalismo de mercado”, completa ele, “é o mais perigoso de todos, pois é o meio pelo qual serão recrutadas pessoas para os demais fundamentalismos. As milhões de famílias de produtores rurais que são desestruturadas alimentam as ondas de outros fundamentalismos.” E, também, os fluxos migratórios.

**Eldorado**, que documenta o resgate de refugiados no Mediterrâneo, se constrói pelo contraponto entre o sofrimento coletivo dos imigrantes clandestinos provenientes das antigas colônias europeias na África e o sentimento individual de perda que marcou a vida do diretor suíço Markus Imhoff. A proximidade com a



Os Despossuídos

experiência dramática desses “condenados da terra” ativou a memória do diretor a respeito da morte de sua companheira de infância, Giovanna, uma refugiada italiana acolhida por sua família no imediato pós-guerra. Poderia o adoecimento de Giovanna ter sido evitado se ela tivesse podido permanecer na Suíça em lugar de ser enviada de volta à Itália? Os laços afetivos que o ligavam à menina não parecem, a Imhoff, em nada se manifestar hoje no modo como os refugiados são acolhidos na Europa do liberalismo econômico. É simples para um europeu ir da Europa para a África, pensa o diretor, mas não há caminho legal dos imigrantes da África para a Europa. As imagens que sua câmera registra deixam claro que, para os refugiados chegarem à Europa, “têm que pagar caro e arriscar a vida”. E, quando sobrevivem a travessias incertas e perigosas, têm de enfrentar as políticas restritivas, os acampamentos insalubres e as dificuldades de legalizar suas situações de vida e trabalho. Ao buscarem um lugar melhor, tentando deslocar-se no interior do continente, são parados por guarda-fronteiras que lhes mostram pedagogicamente os marcos da fronteira entre Estados que não os querem acolher: os refugiados percebem-se

destinados a um não-lugar, a um lugar nenhum. Sem documentos, resta-lhes o trabalho ilegal na agricultura, sob o controle de máfias, e a prostituição. Os tomates plantados na Itália com seu trabalho semi-escravo irão para o norte da Europa, mas também para a África, onde certamente concorrerão com a produção local. Por vezes, poderão mesmo ser comprados por consumidores africanos com o próprio dinheiro que os imigrantes enviam para suas famílias.

Mas, mesmo quando alguns aceitam receber dinheiro para voltar a seus países de origem, o cerco parece se fechar. No mesmo momento em que o camponês Ba Yero era reencaminhado ao Senegal com a intenção de aplicar na compra de duas vacas o dinheiro que lhe foi entregue pelo governo suíço em troca de seu retorno ao país de origem, um novo acordo comercial estava sendo assinado entre a Europa e a África Ocidental. Os impostos de importação sobre o leite europeu foram então eliminados para facilitar o escoamento do excedente leiteiro da Europa e o leite importado ficou mais barato do que aquele que seria obtido das vacas do camponês retornado. É assim que as conexões locais das políticas globais em favor das grandes corporações ameaçam dramaticamente a sobrevivência do campesinato das economias periféricas.

Como explicita **Golpe Corporativo**, para o caso dos EUA, as transformações na esfera política que se seguiram à implantação das reformas neoliberais configuraram aquilo que o escritor canadense John Ralston Saul chamou de um “golpe de Estado em câmara lenta”, fazendo com que elites não-democráticas passem a ocupar a máquina pública. Como sustentara este autor, em 1995, em seu livro *The Unconscious Civilization*, ao longo de poucas décadas cresceu o poder das grandes corporações, levando a que a sociedade fosse sendo cada vez mais governada segundo as prioridades do mundo empresarial. Seguindo a linha do escritor George Orwell, Ralston sustenta que a linguagem é o campo de ação do crescente poder das corporações, dado o emprego de uma sintaxe e de expressões que ocultam e afastam as pessoas

de uma percepção mais aguda da realidade. A retórica e a propaganda “normalizam a inverdade”, podendo fazer coexistir o poder das corporações com regimes não-democráticos. As coalizões de poder esforçam-se em convencer as pessoas de que o sistema democrático seria um simples subproduto do livre mercado. Enquanto isso, parques industriais são destruídos, tornando-se “zonas de sacrifício”, atravessadas por enormes viadutos do alto dos quais as áreas e as pessoas abandonadas não são mais visíveis. O projeto democrático, na perspectiva dos mais despossuídos, beneficiou até aqui apenas as elites, ainda que a globalização tenha sido apresentada como boa também para os trabalhadores. Firms transnacionais tornaram-se, assim, as verdadeiras nações de hoje. Em se falando de cinema, uma tal substituição da nação pela corporação nos faz lembrar a cena do filme *Forrest Gump*, de enorme difusão, em que o personagem central, portador de “deficiência”, carregava, em marcha acelerada, as marcas-símbolo das grandes corporações norte-americanas em uma competição metafórica pela superioridade daquelas empresas e em testemunho de um “patriotismo empresarial” implicitamente enaltecido pelos próprios promotores do filme.

Um momento marcante dessa “virada empresarial” foi, nos EUA, a formulação do Memorando Powell, em 1971. Segundo esse antigo advogado da indústria do tabaco, conhecido por enfrentar as crescentes evidências científicas sobre os males à saúde causados pelo fumo, não se deveria ter “a menor hesitação em pressionar vigorosamente as arenas políticas para apoiar o sistema empresarial”. O estímulo à difusão de uma filantropia conservadora levou, assim, à criação de *think tanks* de direita que buscaram alcançar crescente influência no discurso político, na mídia e nas universidades.

Um mundo político tornado “burlesco” se instala com Trump: corte de impostos requerido pelas firmas, aumento do orçamento militar, esvaziamento das agências ambientais, judiciário crescen-



Eldorado

temente amistoso com relação às corporações. Ou seja, um sistema em que os cidadãos não são mais a fonte de legitimidade, mas, sim, os interesses de grandes grupos econômicos privados que configuram uma democracia representativa das corporações.

Sintoma da crise democrática é o fato de que um governante autoritário como Trump pôde receber apoio das próprias vítimas da globalização, que se sentiram traídas pelas promessas incumpridas do sonho americano. Ao lado da euforia das elites, jazem as áreas abandonadas, com sem-tetos, bens públicos degradados e devastação ambiental, num encontro entre coisas fora do lugar e homens fora do lugar. Menos fábricas e mais prisões. Em nome da primazia do mercado, reduziram-se os impostos, enquanto os acordos de livre comércio favoreceram a saída de indústrias para países com menores salários. Corporações se beneficiaram com o livre-comércio, mas o povo ficou sem trabalho, aumentando a distância entre ricos e pobres. Enquanto parte do eleitorado de baixa renda de áreas economicamente deprimidas transferiu seu apoio para a direita, em nome da criação de empregos, governantes diminuíram os direitos e a proteção do bem público. Tanto Trump

como seus seguidores em outros países repetem a mesma ameaça: “a proteção ao meio ambiente destrói empregos”. Os agentes fortes no mercado conseguiram, assim, um poder suplementar para dividir os despossuídos: as ameaças de fechamento de fábricas tornaram-se uma tática eficaz nas estratégias empresariais de dividir os trabalhadores.

Mas a força das empresas é também empregada para ganhar mercados, tendo por base estratégias de modernização ecológica. Segundo **A Mentira Verde**, há uma tendência a que uma maquinaria verde do capitalismo venha a enganar os consumidores. Não basta, segundo seu diretor, agir através das escolhas individuais de consumo para mudar o padrão ambiental do capitalismo. É que alguns produtos ditos ambientalmente benignos, como o óleo de palma, embora apresentados com uma roupagem ambientalizada, são produzidos através do desmatamento e de queimadas em países distantes dos centros consumidores. Além de assumir um distanciamento crítico em relação à grande produção de mercadorias “esverdeadas”, o documentário questiona, junto com o professor Patel, da Universidade do Texas, as razões pelas quais se deveria achar que a solução virá por nossas escolhas individuais: “por que temos que escolher entre um café produzido com trabalho escravo e um café correto?”. É pela organização da sociedade e pela mudança das leis, respondem eles, que serão alcançadas mudanças, que surgirão através de conflitos e da eliminação de privilégios. Isso não exclui, poderíamos acrescentar, que aqueles que decidam politizar seus atos de consumo – notadamente através de uma dinâmica coletiva – também venham a dar sua contribuição, induzindo mudanças.

Ainda no campo da ação pelo consumo, **Superalimentos** procura investigar como funciona a cadeia produtiva dos superalimentos – aqueles que a mídia difunde como bons para a nutrição humana, como a quinoa e o teff, alimentos típicos da tradição rural da Bolívia e da Etiópia, respectivamente. Qual é o impacto que

a difusão de seu consumo gera sobre os produtores familiares que os cultivam há séculos? O documentário mostra que quando se forma um mercado consumidor para esses produtos, as grandes corporações começam a produzi-los, fazendo com que seus preços de mercado caiam. Isso implica em eliminar do mercado a produção em pequena escala de origem tradicional: a vida dos camponeses “vira de cabeça para baixo” – dizem seus representantes – em razão dos preços internacionais, que não são mais capazes de cobrir os custos de produção. Quando não são inviabilizados por preços que não os remuneram, os produtores se verão ameaçados por pressões fundiárias dos grandes proprietários, como no caso do coco na Tailândia, ou da sobrepesca comercial, no caso do salmão canadense.

Para ir além da mera ação pelo consumo, os diretores de **Utopia Revisitada** sustentam a necessidade de se quebrar o anonimato na relação produção-consumo e encontrar formas de organização do consumo que deem segurança aos pequenos agricultores, liberando-os das incertezas dos preços internacionais. Essa estratégia orientou a experiência de cooperativas da Coreia do Sul, em que produtores e consumidores, em assembleias conjuntas, decidem sobre a produção e a distribuição, de modo a substituir o lucro monetário por um ganho de qualidade compartilhado por todos. A mudança no modelo de desenvolvimento, para ativistas do comércio justo, significa não só economizar recursos naturais, mas promover justiça global, construindo-se novas relações sociais e enfrentando os desafios de combater o consumismo e a obsolescência programada. A experiência de autogestão de uma fábrica ocupada por seus trabalhadores na França é exemplo da possibilidade de se mudar, ao mesmo tempo, a relação entre os trabalhadores e a relação deles com o produto e com as comunidades próximas. Emblema dessa lógica social é a nova imagem da marca da empresa, expressa pelo número de dias que os trabalhadores precisaram lutar para manter a fábrica aberta.

Nos distintos documentários, vários testemunhos sustentam que a crise ambiental é uma crise estrutural do capitalismo, que faz naufragar os mais despossuídos e, ao mesmo tempo, corrói as próprias bases ecológicas de sua reprodução. Fica em suspenso, porém, o modo como se dará a transição para outro modelo de sociedade. Alguns se perguntam sobre como mudar comportamentos e encontrar formas de ação a partir de sua condição de cidadãos e de consumidores. Outros consideram que se trata de uma questão de organização e de ação coletivas sobre o plano das políticas que modelam as leis e a ordem econômica global. O desafio maior que se coloca para todos é o de dar efetividade à ação política, quando a própria forma democrática encontra-se em crise, sob o ataque de coalizões de interesses que se apoiam no poder do dinheiro e em mecanismos de degradação da palavra, através dos quais, nos termos de Ralston Saul, alguns buscam “normalizar inverdades”.

**HENRI ACSELRAD** é doutor em economia pela Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), atualmente é Professor Titular do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ. É também pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e organizador de diversos livros, entre eles *Meio Ambiente e Democracia*, *Conflitos ambientais no Brasil* e *Políticas territoriais, empresas e comunidades – o neoextrativismo e a gestão empresarial do “social”*.



## Superalimentos

*The Super Food Chain*

CANADÁ, 2018, 70'

Todos os anos um novo “superalimento”, com propriedades nutricionais extraordinárias, é apresentado ao ocidente. Este filme explora os fatos e mitos por trás dos superalimentos. Revela o efeito cascata dessa indústria nas famílias de agricultores e pescadores mundo afora, explorando paisagens e povos da Bolívia, Etiópia, Filipinas e do arquipélago de Haida Gwaii, no Canadá. Divulga ainda os grandes problemas gerados pela globalização dos superalimentos, incluindo efeitos imprevistos na saúde, segurança alimentar, agricultura sustentável e nas práticas de comércio justo.



DIREÇÃO  
**Ann Shin**  
PRODUÇÃO  
**Ann Shin**  
ROTEIRO  
**Ann Shin**  
FOTOGRAFIA  
**Stephen Chung**  
EDIÇÃO  
**Steve Guise**

CONTATO  
**hannah@  
fathomfilmgroup.com**

# Histórias de Resistência e Adaptação

DANIELA CHIARETTI

O escritor polonês naturalizado britânico Joseph Conrad tinha 32 anos quando subiu o rio Congo e conheceu a degradação humana diante da exploração do marfim. A experiência o levou a escrever *Coração das Trevas*, o livro que, por sua vez, inspirou *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola.

Ao narrar o que viu no Congo de Conrad ou no Vietnã de Coppola, Kurtz, o enigmático personagem de ambas as obras, expressa o que se aplicaria também ao epicentro do documentário *Bem-Vindo a Sodoma*, um lixão de equipamentos eletrônicos erguido sobre uma fétida lagoa em Gana: “O horror! O horror!”

Agbogloshie encarna essa forma contemporânea de horror. O nome difícil do maior depósito de restos de eletrônicos do mundo torna-se inesquecível para quem vê e escuta o que está retratado na produção austríaca **Bem-Vindo a Sodoma**, um dos filmes mais impactantes do eixo temático *Povos & Lugares* da 8ª Mostra Ecofalante. Fica a noroeste de Accra, a capital de Gana. Em seu terreno cinzento, o solo está contaminado, o ar também, e a água é vetor de cólera. Mosquitos transmitem malária. Pessoas dormem, cozinham, rezam e carregam bebês em ambiente envenenado. **Bem-Vindo a Sodoma**.

Imagina-se que ali vivam seis mil homens, mulheres e crianças, que se organizaram para catar metais no chão cinza, desmontar tudo o que funcionou algum dia, comer guisados cozidos ao lado de pilhas de pneus velhos, respirar fumaça de cabos queimados, erguer montanhas de monitores e ver a vida passar ao lado de latões, maçaricos e urubus. De vez em quando aparecem uns boizinhos magros de chifres pontudos, que não se sabe a quem pertençam e por que circulam em um lugar assim. Um celular que ainda funciona faz com que jovens do lixão acessem a vida dos outros pelas imagens de desconhecidos que vão à praia, têm flores em casa, passeiam com seus cachorros e tiram fotos coloridas. Agbogloshie tem chão cinza, lagoa cinza, céu cinza. A única cor que sobressai é a dos restos de plásticos azuis esmagados no chão. É um pedaço do inferno.

Na última reunião do Fórum Econômico Mundial, em Davos, agências das Nações Unidas soltaram um relatório no qual se diz que a produção anual de lixo eletrônico chega a 50 milhões de toneladas e apenas 20% disso é reciclado. O consumo e o descarte de itens, que vão desde painéis solares a celulares inteligentes, se dá hoje em escala sem precedentes.

Alguns têm mais responsabilidade do que outros sobre o insensato volume de lixo que soterra um pedaço de Gana. Em 2017, consumidores de países de alta renda usaram em média



Pra Cima, pra Baixo e pros Lados: Cantos de Trabalho

dez toneladas de materiais primários que foram extraídos de outros lugares. O mundo industrializado explora recursos, produz a partir deles, usufrui dos bens e se desfaz de itens, que, por sua vez, são incinerados ou levados às escondidas a cantos mais pobres do planeta.

No lixo, memórias e desejos surgem em camadas. “Isto é a África. Temos que ser como leões” é o grito de resistência de um dos que vive das sobras do excesso de outros. Geladeiras, computadores, monitores e televisões voltam a ser alumínio, cobre e zinco. “Na Europa, quando algo quebra, jogam fora. Nós somos os melhores recicladores. Eles deveriam mandar mais”, diz um personagem.

Agbogloshie é o lado sombrio da economia circular que ainda engatinha. O uso intensivo dos recursos está colocado de forma indireta nas várias narrativas de **Bem-Vindo a Sodoma**. A produção e o consumo insustentáveis, que colocam o planeta em risco, são o desconforto do documentário onde não há sangue nem violência explícita. O modo de vida daquelas pessoas é o que assombra. São protagonistas de um extrativismo sem natureza, de separar o sujo do enferrujado. Mas também, de

surpreender ao transformar o descarte em arte, em poesia, em música e em alegria.

O senso de felicidade coletiva transborda em vários momentos da produção indiana ***Pra Cima, pra Baixo e pros Lados: Cantos de Trabalho***. Somos transportados para algum lugar na fronteira da Índia com Mianmar, no estado de Nagaland. Phek é um vilarejo onde vivem 5.000 pessoas que plantam arroz para o próprio consumo. Seria igual a muitos outros, se os Naga não cantassem o tempo todo. Cantam quando os homens preparam os terraços para o cultivo, quando as mulheres sobem para as roças, quando usam a enxada, quando levam a produção em grandes cestos. Cantam quando chove, cantam quando estão irritados.

É um canto muito particular, o “li”. Não funciona em solos, mas como uma conversa de várias vozes que falam de amores e saudade, de amizade, trabalho e da morte. Há um esforço comunitário em não perder a tradição e não esquecer as canções, em não submergir à força da igreja que ergueu um templo gigante no centro do humilde vilarejo. ***Pra Cima, pra Baixo e pros Lados: Cantos de Trabalho*** é poético até nas falas dos velhos que recordam o longo conflito com a Índia: “Fomos buscar lugares onde fantasmas e tigres se escondem. Estávamos com medo dos seres humanos”, conta um deles. A luta pela independência Naga marca um dos mais longos confrontos armados existentes. O exército indiano continua presente na região.

O desequilíbrio de forças no mundo, a desigualdade de renda, a concentração de poder e de informação afeta povos em muitos lugares. Na Polinésia Francesa, 30 anos de testes nucleares franceses fracionaram a existência dos Ma’ohi, como bem descreve a sinopse de ***Ma’Ohi Nui***. As cenas idílicas do início da produção belga são interrompidas bruscamente por uma aterradoradora explosão atômica no oceano. “Fomos levados em barco”, conta um ma’ohi, “Olhamos para trás antes de sair do atol. Foram momentos sem palavras”.



Ma’Ohi Nui

A radiação que degradou a vida no atol Moruroa persistirá por um tempo desconhecido, além de esgarçar a vida da comunidade. “A explosão no Pacífico trouxe a palavra *contaminação* para a nossa língua”, conta um deles. Foram 193 testes nucleares na Polinésia, de 1966 a 1996. A frágil economia local foi inundada pela hegemonia francesa. De uma hora para outra, comunidades começaram a ganhar em uma semana o que faziam em três meses. “O dinheiro comprou o silêncio. Fechamos nossos olhos, nossos ouvidos”, conta outro.

A interferência tóxica na vida ma’ohi teve outras dimensões. Ao deixar de pescar e de plantar, destruiu-se a maneira ancestral de subsistência, o jeito de subir nos coqueiros, a espera pela lua cheia para plantar bananeiras. Hoje, gente carente constrói casas de noite, clandestinamente, para acrescentar mais um casebre acanhado num corredor de palafitas bem ao lado da pista de um aeroporto internacional.

O resgate das lendas, da língua, de lançar-se novamente ao mar e do retorno ao campo sugere algum alento neste contexto. O pensamento ma’ohi está contido na linda descrição do que



A Ausência dos Damascos

pode representar uma tatuagem: “Na tua pele você escreve a história do teu nome, a história dos teus ancestrais. A história da tua terra. Na tua pele você escreve teus ritos de passagem. E os momentos que marcaram a tua vida. Na tua pele, você traça os sinais que te protegem contra forças invisíveis. E você desenha os caminhos que te ajudam a atravessar o oceano”.

A resistência aos anos de colonização aparece em momentos simples, quando velhos acendem cigarros e mostram aos mais jovens como se amarram anzóis, e eles escutam. Há alguma mágica nesses costumes.

Encontramos a mesma delicadeza no retrato das memórias da japonesa que sobreviveu à bomba de Hiroshima em *Obon*, palavra que remete ao ritual budista de cultuar antepassados. Na animação alemã, Akiko Takakura relembra a infância com o pai rígido e a mãe, “para quem era importante perdoar os outros”. O traçado simples dos desenhos movimenta as lembranças da protagonista enquanto ouvimos sua voz. É o bastante para comover. Durante um diálogo banal, o ritmo da vida se corta e se transforma, e nada mais é como antes.

Um desastre também muda para sempre o cotidiano de uma aldeia nas montanhas do norte do Paquistão. A comunidade sofre com o deslizamento de terra que bloqueou o rio e inundou casas e plantações. *A Ausência dos Damascos* é contaminado pela melancolia do que se perdeu e de quem retoma a vida como pode. Em contraponto, em *O Botanista*, um botânico autodidata que conhece mais de 300 plantas e vive com a família no montanhoso Tajiquistão cria a partir do nada. É da mente engenhosa desse homem das cordilheiras do Pamir que surge uma pequena hidrelétrica ou uma engenhoca para fazer fogo num lugar onde não existem fósforos. O talento de criar com poucos recursos faz de Raïnberdi um daqueles seres humanos excepcionais que encontram (ou inventam) saídas na crise.

O fio condutor da seleção de *Povos & Lugares* aponta para a diversidade e também para as convergências entre comunidades remotas. A dança coletiva dos Naga na Índia lembra a de povos indígenas do Xingu, no Brasil. O consumo insensato provoca náuseas ao espectador confrontado com o desperdício ao ver o lixo depositado em Gana, mas é a culpa que estabelece a conexão. Em cada documentário, o que vem de dentro é o que individualiza os povos e se manifesta em cantos, desenhos e danças.

Não se conta fim de filme, mas um deles termina com a corrida de um jovem para a frente da lente. A voz muda dos excluídos carrega muitas intensidades – em sua expressão há desespero, revolta, ameaça e talvez também alívio, esperança e força. A cena é perturbadora porque não é ficção. Está acontecendo neste momento, em algum canto do mundo.

DANIELA CHIARETTI é repórter especial de Ambiente do *Valor Econômico* desde 2005 e tem feito a cobertura das grandes conferências ambientais das Nações Unidas. Foi editora-chefe da revista *Marie Claire* e trabalhou na *Gazeta Mercantil*, *Folha de S. Paulo*, *Veja* e *UOL*. Ganhou o Prêmio Esso de Informação Científica, Tecnológica e Ambiental em 2011, com reportagem feita em viagem ao Ártico, em julho de 2010. Em 2019, o governo francês lhe concedeu o título de “Chevalier” da Ordem Nacional do Mérito.



## Bem-Vindo a Sodoma

*Welcome to Sodom*

ÁUSTRIA/GANA, 2018, 92'

“Sodoma é como uma Besta. Às vezes, você mata a Besta, às vezes, a Besta mata você”. Agbogloshie, em Gana, é um dos lugares mais contaminados do planeta: é o maior depósito de lixo eletrônico do mundo. Cerca de seis mil mulheres, homens e crianças vivem e trabalham aqui. Eles o chamam de SODOMA. Todos os anos toneladas de computadores, smartphones, tanques de ares condicionados e outros dispositivos de um distante mundo eletrônico e digitalizado terminam aqui. Ilegalmente. As vozes intimistas dos vários protagonistas permitem uma visão profunda da vida e do trabalho neste local. Se todos aqui estão, de uma maneira ou de outra, vivendo das bênçãos da era do computador, muitos morrem delas.



DIREÇÃO

**Florian Weigensamer  
& Christian Krönes**

PRODUÇÃO

**Christian Krönes &  
Roland Schrotthofer**

FOTOGRAFIA

**Christian Kermer**

EDIÇÃO

**Christian Kermer**

CONTATO

**aleksandar@syndicado.com**



**Mostra**

**Brasil Manifesto**

Entre os filmes avaliados para compor a programação da 8ª edição da Mostra Ecofalante, alguns trabalhos chamaram a atenção da equipe de seleção e curadoria pelo seu poderoso trabalho de imersão e investigação das entranhas de um Brasil profundo, marcado pela complexidade do papel que suas paisagens e recursos naturais exerceram dentro de sua história.

Das vozes enérgicas que conduzem estas obras, convocando o espectador à reflexão e ao entendimento de um país, surgiu a *Mostra Brasil Manifesto*.

Desde o território idílico visto pelos olhos do pioneiro cineasta Humberto Mauro até o país vibrante e urgente que enfrentamos hoje, os filmes deste programa mapeiam um Brasil imenso, cujas problemáticas ambientais constituem o cerne de suas ambíguas particularidades enquanto nação. Como pontos fundantes, destacam-se a água, elemento de vida, origem e pureza que convive com um legado de degradação e destruição; e a terra, cuja vastidão, exuberância e fertilidade também são alvos de especulação, usurpação e ganância.

Em um Brasil moderno, porém contraditório, que segue celebrando sua diversidade ao mesmo tempo que a coloca sob a mira dos mais variados e conflitantes interesses, os filmes da *Mostra Brasil Manifesto* compõem um panorama substancial para podermos compreender um país que precisa rever e reconhecer suas origens, sua formação e sua identidade.

**MARCIO MIRANDA PEREZ** produtor



## Amazônia, o Despertar da Florestania

*Amazon, the Awakening of Florestania*

BRASIL, 2018, 111'

Com a proposta de abordar como o meio ambiente vem sendo tratado desde o início do século XX, a produção resgata personagens históricos e reúne depoimentos de representantes dos mais diversos segmentos ligados ao tema – a lista inclui indígenas, ambientalistas, jornalistas, artistas e intelectuais, entre outras pessoas que vêm lutando para preservar esse legado. A “Florestania”, palavra que sintetiza os conceitos de cidadania e direitos florestais, é o código genético de nossa identidade.



DIREÇÃO

**Christiane Torloni &  
Miguel Przewodowski**

PRODUÇÃO

**Christiane Torloni**

ROTEIRO

**Christiane Torloni &  
Miguel Przewodowski**

FOTOGRAFIA

**Vinicius Brum**

EDIÇÃO

**Christiane Torloni, Miguel  
Przewodowski, Mikael  
Santiago & Vinicius  
Saisse Nascimento**

CONTATO

**ibira@descolonizafilmes.com**



## Idade da Água

*The Age of Water*

BRASIL, 2018, 82'

Um alerta sobre a questão da falta de água no planeta e sobre a cobiça internacional pela Amazônia, o maior reservatório de água doce do planeta. Além de concentrar 20% da água potável do mundo, a Amazônia é a região com maior possibilidade de manter seus mananciais nas próximas décadas, graças à umidade de sua floresta.



DIREÇÃO  
**Orlando Senna**  
PRODUÇÃO  
**Hermes Leal**  
ROTEIRO  
**Orlando Senna**  
FOTOGRAFIA  
**Jorge Maia & Fabio Bardella**  
EDIÇÃO  
**Luiz Guimarães de Castro**

CONTATO  
[hlfilmes@hlfilmes.com.br](mailto:hlfilmes@hlfilmes.com.br)



Competição  
Latino-Americana

Em sua sexta edição, a *Competição Latino-Americana* rompe mais uma vez o seu recorde de inscrições. Este ano, 455 obras de 17 países latino-americanos vieram contribuir para uma seleção bastante ampla, que destaca problemáticas socioambientais urgentes do continente, assim como olhares imersivos sobre temas e locais os mais diversos e desconhecidos dos grandes centros.

Lugares e limites pouco explorados pelo cinema, como o deserto colombiano de La Guajira e a fronteira entre Roraima e a Guiana oferecem prismas particulares de tempo, espaço e sociedade; ironicamente, essa perspectiva também pode ser estendida a filmes que retratam megacidades como São Paulo, Bogotá e Caracas e que se debruçam sobre a complexidade e as contradições de espaços urbanos negligenciados pelo abandono social que os caracteriza.

No recorte da seleção, encontra-se farta investigação de temas ancestrais: é possível ressaltar as marcas profundas da sabedoria e dos costumes dos povos tradicionais que silenciosamente se capilarizam na sociedade de hoje, muitas vezes contrapondo-se e chocando-se com visões de mundo mais jovens e conectadas com os paradigmas da modernidade.

A questão do trabalho também aparece com densidade. Diante da demanda mercadológica e das novas formas de exploração da mão-de-obra, a posição humana emerge cada vez mais precarizada, buscando nestes filmes entender-se e adaptar-se a um ambiente extremamente voraz e intransigente.

Chama a atenção a pluralidade de olhares e estilos em documentários, animações e ficções com profundas marcas autorais que, sem receio e ainda assim com grande intimidade e respeito pelo tema retratado, assumem posições fortes e estimulantes sobre questões socioambientais fundamentais da nossa sociedade, centradas, entre outras batalhas, na luta por terra, moradia, sobrevivência e dignidade.

**MARCIO MIRANDA PEREZ** produtor



## Cartucho

*Cartucho*

COLÔMBIA, 2017, 55'

Na Colômbia, um rico bairro colonial, formado por famílias e comércios tradicionais, tornou-se o lar de centenas de sem-tetos e criminosos. Suas ruas e casas antigas tornaram-se locais de consumo de crack. O filme reconstrói a memória fragmentada de El Cartucho, bairro de Bogotá violentamente demolido pelo governo e transformado em um parque estéril em 2001. Esta é a história da degradação que representa uma sociedade que tenta varrer o lixo para debaixo do tapete.



DIREÇÃO  
**Andrés Chaves Sánchez**  
PRODUÇÃO  
**Andrés Chaves Sánchez & Adriana Agudelo Moreno**  
ROTEIRO  
**Andrés Chaves Sánchez**  
FOTOGRAFIA  
**Daniel Galán & Martín Mejía**  
EDIÇÃO  
**Felipe Guerrero**

CONTATO  
[adriana@costadocs.com](mailto:adriana@costadocs.com)



## Empate

*Tie*

BRASIL, 2018, 90'

O que é um empate? “É uma forma de luta que nós encontramos para impedir o desmatamento. A gente se coloca diante dos peões e jagunços, com nossas famílias, mulheres, crianças e velhos, e pedimos para eles não desmatarem e se retirarem do local. Eles, como trabalhadores, a gente explica, estão também com o futuro ameaçado. E esse discurso, emocionado, sempre gera resultados. Até porque quem desmata é o peão simples, indefeso e inconsciente.” (Chico Mendes. Jornal do Brasil, 13 dias antes de seu assassinato).



DIREÇÃO  
**Sérgio de Carvalho**  
PRODUÇÃO  
**Juliana Barros, Diego Medeiros & Talita Oliveira**  
ROTEIRO  
**Sérgio de Carvalho & Beth Formaggini**  
FOTOGRAFIA  
**Leonardo Val & Pablo Paniagua**  
EDIÇÃO  
**Lorena Ortiz**

CONTATO  
[sacconteudo@gmail.com](mailto:sacconteudo@gmail.com)



## Filhos de Macunaíma

*Children of Macunaima*

BRASIL, 2019, 90'

Três famílias indígenas vivem na cidade de Boa Vista, no norte do Brasil. Enquanto Maria se despede da mãe, que não fala português e adoece na aldeia, vê o filho Daniel se tornar evangélico e recusar suas tradições. Teuza procura na Guiana uma vida mais intensa e vive se deslocando, entre festas, problemas familiares e buscas por trabalho. Arlen, indígena policial e morador de um conjunto habitacional na periferia, tenta voltar para a aldeia onde sua família mora, enquanto lida com a violência e outros problemas na cidade. Histórias de deslocamento e identidade de personagens em busca de si mesmos.



DIREÇÃO  
**Miguel Antunes Ramos**  
PRODUÇÃO  
**Matias Mariani & Leonardo Mecchi**  
ROTEIRO  
**Guilherme Giufrida & Miguel Antunes Ramos**  
FOTOGRAFIA  
**Leonardo Bittencourt**  
EDIÇÃO  
**Luisa Marques**

CONTATO  
[primo@primofilmes.net](mailto:primo@primofilmes.net)



## GIG – A Uberização do Trabalho

*Gig Society – The Uberization of Work*

BRASIL, 2019, 60'



O trabalho mediado por aplicativos e plataformas digitais cresce no mundo todo. Mas o avanço da chamada “Gig Economy”, fenômeno também conhecido no Brasil por “uberização”, vem despertando debates sobre a precarização e a intensificação do trabalho numa sociedade cada dia mais conectada.

DIREÇÃO  
**Carlos Juliano Barros, Caue Angeli & Maurício Monteiro Filho**  
PRODUÇÃO  
**Carlos Juliano Barros**  
ANIMAÇÃO  
**Møgen**  
ROTEIRO  
**Carlos Juliano Barros & Maurício Monteiro Filho**  
FOTOGRAFIA  
**Caue Angeli**  
EDIÇÃO  
**Caue Angeli**

CONTATO  
[contato@reporterbrasil.org.br](mailto:contato@reporterbrasil.org.br)



## O Quadrado Perfeito

*The Perfect Square | El Cuadrado Perfecto*

ARGENTINA, 2018, 61'

Um documentário sobre o mundo da criação de cães de raça pura. Uma fotógrafa de competição mergulha nas memórias de seu falecido marido para nos mostrar seus melhores pódios; um casal narra seus próprios problemas de fertilidade enquanto nos ensina as proporções corretas da cabeça de um poodle; a comissão de juízes da Federação Cinológica Argentina discute modificações no regulamento da instituição... Entre biografias, sprays para o pelo, escritórios e teorias genéticas, é revelado todo um sistema que sustenta e reproduz as raças caninas.



DIREÇÃO  
**Pablo Bagedelli**  
PRODUÇÃO  
**Pablo Bagedelli**  
ROTEIRO  
**Pablo Bagedelli**  
FOTOGRAFIA  
**Joaquin Neira**  
EDIÇÃO  
**Julia Straface & Joaquín Aras**

CONTATO  
[pbagedelli@gmail.com](mailto:pbagedelli@gmail.com)



## Parque Oeste

*Parque Oeste*

BRASIL, 2018, 70'

Depois de ser vítima de uma violenta desocupação ocorrida no bairro Parque Oeste, em Goiânia, uma mulher reconstrói sua vida tendo como norte a luta por moradia.



DIREÇÃO  
**Fabiana Assis**  
PRODUÇÃO  
**Goyaz Filmes & Violeta Filmes**  
ROTEIRO  
**Fabiana Assis, Eduardo Consonni & Rodrigo T. Marques**  
FOTOGRAFIA  
**Leonardo Feliciano**  
EDIÇÃO  
**Eduardo Consonni & Rodrigo T. Marques**

CONTATO  
[fabiana@violetafilmes.com](mailto:fabiana@violetafilmes.com)



## Um Filósofo na Arena

*A Philosopher in the Arena / Un Filósofo en la Arena*

MÉXICO/ESPAÑA, 2018, 100'

Após sua aposentadoria, o filósofo francês Francis Wolff, grande fã de touradas, decide fazer uma viagem pela França, México e Espanha, acompanhado por dois cineastas mexicanos que nada sabem sobre esse mundo, hoje com os dias contados. Ao longo da jornada, eles encontram vários personagens, com os quais refletem sobre a relação dos seres humanos com os animais e a natureza, e, acima de tudo, sobre a nossa relação com a morte e o significado da jornada que chamamos vida.



DIREÇÃO  
**Aarón Fernández & Jesús Muñoz**  
PRODUÇÃO  
**Aarón Fernández & Jesús Muñoz**  
ROTEIRO  
**Aarón Fernández, Jesús Muñoz & Rafael Casan**  
FOTOGRAFIA  
**David Molina**  
EDIÇÃO  
**Octavio Iturbe**

CONTATO  
[jmunoz@qubitsolvest.com](mailto:jmunoz@qubitsolvest.com)



# Sessão Infantil

A *Sessão Infantil* da Mostra Ecofalante traz curtas internacionais exibidos e premiados em grandes e importantes festivais internacionais, como o Short Film Corner, do Festival de Cannes, o Festival de Animação de Annecy, o Animamundi e o Dok Leipzig.

Os filmes apresentam às crianças, de maneira lúdica, uma gama de questões socioambientais contemporâneas, como o êxodo rural, a vida urbana regada pelo relógio, a saúde no trabalho, a geração de energia e nosso convívio com os animais. Nestas lindas e emocionantes animações, e em uma ficção nacional, também aparecem relações geracionais permeadas pelo cuidado e a compreensão.



## Caminho dos Gigantes

BRASIL, 2016, 12'  
de Alois Di Leo

Uma busca poética pela razão e o propósito da vida. Em uma floresta de árvores gigantes, Oquirá, uma menina indígena de seis anos, vai desafiar seu destino e entender o ciclo da vida. O filme explora as forças da natureza e a nossa conexão com a terra e seus elementos.



## Dara - A primeira vez que fui ao céu

BRASIL, 2017, 18'  
de Renato Candido de Lima

Nos anos 60, Dara é uma garota negra de 10 anos que mora em um sítio com os avós em Nova Soure, na Bahia. Na véspera de migrar para São Paulo, Dara deseja montar um balancinho no cajueiro, mas seus pais já estão em São Paulo e é hora da menina partir.

## Dois Trens

*Two Trams*

RÚSSIA, 2017, 10'  
de Svetlana Andrianova

Pai e filho, Klick e Trim são trens urbanos que trabalham valentemente para estarem sempre na hora certa em seu caminho pela cidade.



## O Sonho da Galinha

*Miriam's Hen's Dream*

ESTÔNIA, 2016, 5'

de Andres Tenusaar

Numa tarde de outono a família está reunida no parque e os pássaros migrantes voam pelo céu. A pequena galinha de Miriam sonha com os dias ensolarados do sul e quer seguir a migração!



## Strollica

*Strollica*

ITÁLIA, 2017, 10'

de Peter Marcias

Quando uma turbina eólica é construída em seu parque favorito, a garota Strollica aprende sobre fontes de energia renovável.



**Atividades  
Integradas**

# Formação de Educadores

Audiovisual e Educação:

Arte em favor do meio ambiente

Para além da simples transmissão de informações, produções audiovisuais têm a capacidade de emocionar. A junção entre fatores cognitivos e fatores afetivos por meio de imagens e sons impactantes é capaz de criar empatia e, em muitos casos, mobilização na direção da transformação das sociedades.

Do ponto de vista socioambiental, as produções no formato de documentário e obras de ficção possuem o potencial de conectar as pessoas com o ambiente próximo e distante, com outras pessoas e com elas mesmas, criando e recriando uma nova de influências fundada no desejo de mudança e de pró-atividade.

A formação de professores é elaborada especialmente para estimular e potencializar o uso de diferentes recursos audiovisuais como ferramentas educativas.

Existem múltiplos usos do audiovisual dentro das educações formal, não-formal e informal, que variam desde uma simples exibição seguida por uma roda de conversa até o estímulo à produção de novas obras audiovisuais conectadas à realidade do planeta e das pessoas, seja local, regional e globalmente.

Nosso desejo é que essa produção inspire educadores, educando e gestores a buscarem, dentro do contexto de cada território, formas de dar novo significado ao conhecimento e criar novas estratégias para tornar ainda mais efetivos os processos de ensino-aprendizagem.

**CONFIRA LOCAIS, DATAS E HORÁRIOS NA PROGRAMAÇÃO A SEGUIR.**

# Programação

## PROGRAMAS

Homenagem

Panorama Internacional Contemporâneo

Mostra Brasil Manifesto

Competição Latino-Americana

Sessão Infantil

Atividades Integradas

## TEMAS DO PANORAMA INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO

 cidades

 economia

 povos & lugares

## CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

todas as sessões são livres, exceto quando indicado

## Sesc Araraquara

R. Castro Alves, 1315 –  
Quitandinha – (16) 3301-7500

### 03.set terça

20h00 **Superalimentos**  
(Canadá, 70') ⓘ  
+ Bate-papo após  
a exibição

### 08.set domingo

14h00 **Amazônia, o  
Despertar da  
Florestania** (Brasil, 111')

### 10.set terça

20h00 **O Fio Da Meada**  
(Brasil, 77')  
+ Bate-papo após  
a exibição

### 15.set domingo

14h00 **Memórias do Oriente**  
(Finlândia, 86') ⓘ ⓘ

### 17.set terça

20h00 **Bem-Vindo a Sodoma**  
(Áustria, Gana, 92') ⓘ  
+ Bate-papo após  
a exibição

### 22.set domingo

14h00 **O Quadrado Perfeito**  
(Argentina, 61')

### 26.set quinta

14h00 **Formação de  
Educadores**

## Sesc Campinas

R. Dom José I, 270/333 – Bonfim  
(19) 3737-1500

### 24.set terça

15h00 **Dois Trens** (Rússia, 10')  
**Strollica** (Itália, 10')  
**O Sonho da Galinha**  
(Estônia, 5')  
**Caminho dos  
Gigantes** (Brasil, 12')  
**Dara – A Primeira  
Vez que Fui ao Céu**  
(Brasil, 18')

### 19h30 **Memórias do Oriente**

(Finlândia, 86') ⓘ ⓘ  
+ Bate-papo após a exibição

### 25.set quarta

15h00 **Dois Trens** (Rússia, 10')  
**Strollica** (Itália, 10')  
**O Sonho da Galinha**  
(Estônia, 5')  
**Caminho dos  
Gigantes** (Brasil, 12')  
**Dara – A Primeira  
Vez que Fui ao Céu**  
(Brasil, 18')

### 19h30 **Bem-Vindo a Sodoma**

(Áustria, Gana, 92') ⓘ  
+ Bate-papo após a exibição

### 28.set sábado

13h30 **Formação de  
Educadores**

## Sesc Guarulhos

R. Guilherme Lino dos Santos,  
1.200 – Jd. Flor do Campo  
(11) 2475-5550

### 05.set quinta

19h00 **O Fio Da Meada**  
(Brasil, 77')  
+ Bate-papo após a exibição  
com Cláudia Fernanda dos  
Santos, turismóloga e mestre  
em Planejamento e Gestão  
do Território

### 21.set sábado

09h00 **Formação de  
Educadores**  
15h00 **GIG - A Uberização  
do Trabalho** (Brasil, 60')  
+ Bate-papo após a exibição  
com Ludmila Abilio e  
representantes da ONG  
Repórter Brasil

### 28.set sábado

15h00 **O Quadrado Perfeito**  
(Argentina, 61')  
+ Bate-papo após a exibição  
com Andrea Viegart, diretora  
do Departamento de Bem  
Estar e Proteção Animal da  
Secretaria Municipal de Meio  
Ambiente de Guarulhos, e  
Rosangela Ribeiro Gebara,  
representante da ONG  
Proteção Animal Mundial

## Sesc Jundiá

Av. Antônio Frederico  
Ozanan, 6600 – Jd. Botânico  
(11) 4583-4900

### 13.set sexta

19h00 **Superalimentos**  
(Canadá, 70') ⓘ  
+ Bate-papo com Fabíola  
Freire, coordenadora do Mesa  
Brasil do Sesc Jundiá, e Laura  
Dalsenter, coordenadora do  
setor de alimentação do Sesc  
Jundiá

### 17.set terça

14h00 **O Fio Da Meada**  
(Brasil, 77')  
+ Bate-papo com André  
Fossaluzza, agente de  
educação ambiental do Sesc  
Jundiá

### 18.set quarta

14h00 **Formação de  
Educadores**

### 27.set sexta

19h30 **GIG - A Uberização  
do Trabalho** (Brasil, 60')

## Sesc Piracicaba

R. Ipiranga, 155 – Centro  
(19) 3437-9292

### 03.set terça

19hoo **Empate** (Brasil, 90')   
+ Bate-papo com Isabel Garcia, doutora em Ciência Ambiental e membro do IMAFLORA e Mauro W. Barbosa de Almeida, professor, antropólogo e defensor de direitos de comunidades tradicionais

### 05.set quinta

18hoo **Formação de Educadores**

### 10.set terça

19hoo **GIG - A Uberização do Trabalho** (Brasil, 60')  
+ Bate-papo com Tulio Augusto Custódio, sociólogo e curador de conhecimento da Inesplorato

### 17.set terça

19hoo **Cartucho** (Colômbia, 55')   
+ Bate-papo com Ariel Machado, integrante do Laboratório de Geografia Urbana da USP e Roberta Cavedini, graduanda do curso de Geografia da UNICAMP

### 24.set terça

19hoo **O Quadrado Perfeito** (Argentina, 61')  
+ Bate-papo com Ana Lucia Baldan, médica veterinária e mestranda em Psicobiologia na USP, Mirielen Campos, do Projeto Meu Nome Não é Não, e Mariana Truffi, do Projeto Tutor com Amor

## Sesc Santos

R. Conselheiro Ribas, 136 –  
Aparecida – (13) 3278-9800

### 07.set sábado

16hoo **O Fio Da Meada** (Brasil, 77')  
+ Bate-papo com Chico Guariba, diretora da Mostra Ecofalante, atua na área ambiental há mais de 30 anos

### 08.set domingo

16hoo **Memórias do Oriente** (Finlândia, 86')   
+ Bate-papo com Adilson Mendes, historiador com estudos sobre cinema e vida social

### 11.set quarta

11hoo **Formação de Educadores**

### 21.set sábado

16hoo **Amazônia, o Despertar da Florestania** (Brasil, 111')  
+ Bate-papo com Micheline Verunschck, escritora e historiadora

### 22.set domingo

16hoo **Cartucho** (Colômbia, 55') 

### 28.set sábado

16hoo **Um Filósofo na Arena** (México/ Espanha, 100') 

### 29.set domingo

16 hoo **Dois Trems** (Rússia, 10')  
**Strollica** (Itália, 10')  
**O Sonho da Galinha** (Estônia, 5')  
**Caminho dos Gigantes** (Brasil, 12')  
**Dara – A Primeira Vez que Fui ao Céu** (Brasil, 18')

## Sesc São José dos Campos

Av. Dr. Adhemar de Barros, 999 –  
Jd. São Dimas – (12) 3904-2000

### 11.set quarta

- 14h30 **Dois Trens** (Rússia, 10')  
**Strollica** (Itália, 10')  
**O Sonho da Galinha**  
(Estônia, 5')  
**Caminho dos Gigantes** (Brasil, 12')  
**Dara – A Primeira Vez que Fui ao Céu**  
(Brasil, 18')  
+ Bate-papo após as  
exibições com Ana Carol  
Thomé, pedagoga e  
especialista em Educação  
Lúdica e Psicomotricidade

### 12.set quinta

- 19h00 **Amazônia, o Despertar da Florestania** (Brasil, 111')  
+ Bate-papo com o  
pesquisador sênior do  
Instituto Nacional de  
Pesquisas Espaciais (INPE),  
Antonio Nobre

### 15.set domingo

- 18h00 **GIG - A Uberização do Trabalho** (Brasil, 60')

### 17.set terça

- 18h00 **Formação de Educadores**

### 19.set quinta

- 19h00 **Parque Oeste**  
(Brasil, 70') 

### 22.set domingo

- 18h00 **Superalimentos**  
(Canadá, 70')   
+ Bate-papo após a exibição  
com Michelly Fortunato,  
nutricionista e coordenadora  
do programa Mesa Brasil do  
Sesc São José dos Campos

### 29.set domingo

- 18h00 **O Fio Da Meada**  
(Brasil, 77')

## Sesc Santo André

Rua Tamarutaca 302 – Vila Guiomar  
(11) 4469 1200

### 13.set sexta

- 14h00 **Formação de Educadores**

### 25.set quarta

- 19h30 **Pedagogias sustentáveis: água, consumo e sala de aula**  
Bate-papo sobre formas  
de aproximação entre o  
ensino de sustentabilidade  
e o espaço da sala de aula,  
abordando formas de discutir  
o consumo e o manejo da  
água, bem como todos os  
desafios que envolvem a  
exploração dos espaços  
externos das escolas. Parte  
do projeto de captação da  
chuva com a E.E. Generoso  
Alves de Siqueira será  
compartilhado ao longo da  
conversa, pensando-se em  
novas formas e metodologias  
pedagógicas. Com Sossé  
Amandy e pesquisadores  
do NEA-UFABC (Núcleo de  
Estudos em Agroecologia).

### 12.out sábado

- 11h00 **Dois Trens** (Rússia, 10')  
**Strollica** (Itália, 10')  
**O Sonho da Galinha**  
(Estônia, 5')  
**Caminho dos Gigantes** (Brasil, 12')  
**Dara – A Primeira Vez que Fui ao Céu**  
(Brasil, 18')

## UFABC - Santo André

Av. dos Estados, 5001 – Bangú

---

### 24.set terça

17h30 **Bem-Vindo a Sodoma**  
(Áustria, Gana, 92') 🕒

---

### 25.set quarta

17h30 **Amazônia, o  
Despertar da  
Florestania** (Brasil, 111')

---

### 26.set quinta

17h30 **Cartucho** (Colômbia, 55') 🕒

---

### 27.set sexta

17h30 **Idade da Água**  
(Brasil, 82')

## UFABC - São Bernardo

Alameda da Universidade, s/n –  
Anchieta

---

### 24.set terça

17h30 **Parque Oeste**  
(Brasil, 70') 🕒

---

### 25.set quarta

17h30 **Empate** (Brasil, 90') 🕒

---

### 26.set quinta

17h30 **GIG - A Uberização  
do Trabalho** (Brasil, 60')

---

### 27.set sexta

17h30 **Filhos de Macunaíma**  
(Brasil, 90')

## Sesc Thermas de Presidente Prudente

R. Alberto Peters, 111 –

Jd. das Rosas – (18) 3226-0400

---

### 03.set terça

20h00 **Superalimentos**  
(Canadá, 70') 🕒  
+ Bate-papo com o geógrafo  
e professor Marcelo Lopes, do  
Quintal, Hortas e Jardim

---

### 10.set terça

20h00 **GIG - A Uberização  
do Trabalho** (Brasil, 60')

---

### 12.set quinta

18h00 **Formação de  
Educadores**

---

### 13.set sexta

20h00 **Bem-Vindo a Sodoma**  
(Áustria, Gana, 92') 🕒  
+ Bate-papo com o geógrafo  
e professor Marcelo Lopes, do  
Quintal, Hortas e Jardim

---

### 17.set terça

20h00 **Idade da Água**  
(Brasil, 82')

---

### 18.set quarta

20h00 **Cartucho** (Colômbia, 55') 🕒  
+ Bate-papo com o geógrafo  
e professor Marcelo Lopes, do  
Quintal, Hortas e Jardim

---

### 24.set terça

20h00 **Empate** (Brasil, 90') 🕒

# 8ª Mostra Ecofalante de Cinema

*Itinerância Sesc 2019*

## REALIZAÇÃO

Ecofalante  
Sesc São Paulo

## APOIO

Mercado Livre  
White Martins  
Kimberly-Clark

## PRODUÇÃO

Doc e Outras Coisas

## CO-PRODUÇÃO

Química Cultural

## DIREÇÃO GERAL

Chico Guariba

## CURADORIA

Francisco César Filho

## PESQUISA DE FILMES

Amanda Miranda,  
Ariane França Soares,  
Cândida Guariba,  
Liciane Mamede,  
Mateus Ramos  
& Saulo Rosa

## COMISSÃO DE SELEÇÃO

Cândida Guariba,  
Francisco César Filho,  
Henrique Valente,  
Liciane Mamede,  
Marcia Vaz,  
Marcio Miranda Perez,  
Pedro Tinen, Saulo Rosa  
& Theo Duarte

## PRODUÇÃO EXECUTIVA

Daniela Guariba

## PRODUÇÃO

Cândida Guariba

## ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Ariane França Soares

## COMUNICAÇÃO

Luiza Magalhães

## CONCEPÇÃO VISUAL

E DESIGN GRÁFICO

Tadzio Saraiva

## WEBSITE

Kingly Studio

## VINHETA

Sinlogo Animation

## TRADUÇÃO DE TEXTOS

Cristiano Botafogo,  
Dafne Baddini,  
Helena Spalic  
& Nilen Cohen

## REVISÃO DE TEXTOS

Clara Spalic

## TRADUÇÃO, LEGENDAGEM

E COPIAGEM DOS FILMES

Aspecto Digital

## APOIO INSTITUCIONAL

Autossustentável  
Brasil no Clima  
Carbon Disclosure  
Program – CDP  
Cinemateca Brasileira  
Conexão Planeta  
eCycle  
Engajamundo  
Fábricas de Cultura -  
Poiésis e Catavento  
GreenMe  
Greenpeace  
Grupo de Institutos  
e Fundações de  
Empresas - GIFE  
Horizonte Educação  
e Comunicação  
Iniciativa Verde  
Instituto Akatu  
Instituto de Arquitetos  
do Brasil – IAB-SP  
Instituto Chão  
Instituto Democracia e  
Sustentabilidade - IDS  
Instituto Envolverde  
Instituto Goethe  
Instituto  
Socioambiental - ISA  
Le Monde  
Diplomatique Brasil  
Observatório do Clima  
ONU Meio Ambiente  
Por que não?  
Rede Nossa São Paulo  
Revista Piauí  
SOS Mata Atlântica  
Videocamp

# Sesc - Serviço Social do Comércio

*Administração Regional no Estado de São Paulo*

## PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

## DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

## SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer Padula Comunicação Social Ivan Giannini Administração Luiz  
Deoclécio Massaro Galina Assessoria Técnica e de Planejamento Sérgio José Battistelli

## GERENTES

Educação para Sustentabilidade e Cidadania Denise de Souza Baena Ação Cultural Rosana  
Paulo da Cunha Artes Gráficas Hélcio Magalhães Araraquara Daniel Hanai Campinas  
Hideki M. Yoshimoto Jundiá Celina Kunie Tamashiro Piracicaba Fábio José Rodrigues  
Lopes Santo André Jayme Paez Guarulhos Oswaldo Ferreira de Almeida Júnior Santos Luiz  
Ernesto Figueiredo São José Dos Campos Claudia Righetti Thermas de Presidente Prudente  
Fabiola Gaspar das Dores

## ITINERÂNCIA DA 8ª MOSTRA ECOFALANTE DE CINEMA

Equipe Sesc Alexandra Linda H. Matos, Ana Paula Ambrosio, Andre Fossaluza, Armando  
Fernandes, Ariane Campos, Carina Figueira, Carla de Souza, Carlos Petrachini,  
Consuelo Carvalho, Cristiane Isidio, Cristiane Moreira Cobra, Elaine Zanarotti, Erin  
Lasso, Fabio Vasconcelos, Fernanda Paccanaro, Fernando Machado, Flavia Lopes  
Marques, Francisco Galvão de Franca, Johnny Walter Q. Abila, Luciane Tosin Garcia,  
Luciano Domingos, Luiza Magalhães, Maria Cecilia Nichile, Maria Claudia Novaes  
Curtolo, Natalia Caetano da Silva, Perola Lozano Carvalho, Renata Crivoi de Castro,  
Roberta Lobo, Rodrigo Gerace, Solange Alboreda, Tania Perfeito Jardim, Virginia  
Chiaravalloti





8<sup>a</sup> M O S T R A  
E C O F A L A N T E  
D E C I N E M A

APOIO



mercado  
livre



WHITE  
MARTINS



Kimberly-Clark

PRODUÇÃO



CO-PRODUÇÃO

QUÍMICA  
CULTURAL

IDEALIZAÇÃO



ecofalante

REALIZAÇÃO

Sesc